

ROCHA ALAZÃO E A RODA ALEGRE DA COLOMBO

Rui Ribeiro

Nas últimas décadas do século XIX o Rio de Janeiro ainda guardava aspectos da velha cidade colonial de ruas estreitas e esburacadas, com tilburis e carroças de aluguel chamadas de “andorinhas” trafegando aos solavancos. A vida social se concentrava na Rua do Ouvidor e adjacências, onde estavam instalados renomados estabelecimentos comerciais, lojas de luxo, restaurantes famosos como o Maison Modern e o Coblentz e uma infinidade de cafés, entre os quais o Braço de Ouro, o Papagaio e o Globo. Como capital do império a Corte era o centro da atividade cultural do país. Natural portanto que atraísse sonhadores vindos das províncias em busca de realização e de fama, dispostos a sacrificar tudo pelo ideal literário. Foi se formando assim, de maneira espontânea, um grupo de escritores, poetas e jornalistas – “a geração de 89” – que se reunia de início na confeitaria Pascoal e depois na Colombo, à Rua Gonçalves Dias. Muito extensa a lista de seus integrantes – uns assíduos, outros eventuais – tinha como principais componentes Emílio de Menezes, José do Patrocínio, Luiz Murat, Pedro Rabelo, Coelho Netto, Aluísio Azevedo, Pardal Malet, Paula Ney, Olavo Bilac. Os então iniciantes Martins Fontes, Leôncio Correia e Bastos Tigre registrariam mais tarde reminiscência daquela alegre boêmia de que participaram em tão ilustres companhias.

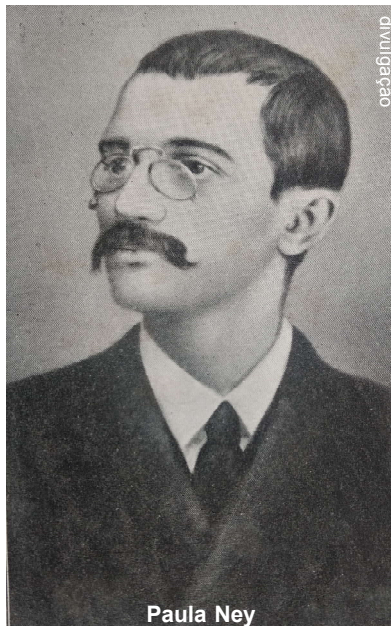
A roda começava a se formar à tarde em torno das pequenas mesas de tampo de mármore. Os intelectuais vinham chegando aos poucos, uns em trajes elegantes, portando as inseparáveis bengalas, outros vestindo paletós surrados, as cabeleiras cobertas de caspas. Chamavam a atenção as costeletas, polainas, lapela florida e as calças cor de “laranja madura” do poeta Guimarães Passos, sempre com o cigarro esmagado entre os lábios. Entre infundáveis aperitivos, e a qualquer pretexto, nasciam trocadilhos, sátiras, frases de espírito e pilhérias, divulgavam-se anedotas, diziam-

se versos, muitos versos, “enteravam-se” vivos com epítáfios mordazes. Admirado nacionalmente, Olavo Bilac era o astro principal do cenáculo, declamando poemas, improvisando palestras em que mesmo os temas banais ganhavam brilho pela força de sua imaginação.

Embora estranhos ao meio literário, políticos, altos funcionários públicos e capitalistas instalavam-se em mesas vizinhas para acompanhar a tertúlia. Isso aumentava a frequência e o prestígio da casa. Comerciante inteligente, Manuel Lebrão, seu proprietário, tratava o grupo com deferência especial, “fiando, esquecendo dívidas, servindo doses duplas como simples”. Em contrapartida, era incensado pelos boêmios, tendo até sido homenageado em soneto que o proclamava como “mecenas de todo literato honesto e leal que está passando por um mau momento”.

As reuniões se prolongavam por horas e se encerravam aos poucos, com alguns de seus integrantes seguindo para os teatros. Após as sessões, a noite terminava em ceias fartas, em companhia de atrizes, se havia dinheiro ou crédito para a despesa. Porque os recursos eram escassos, provindo de “bicos” em jornais, venda de comédias teatrais, ou de direitos autorais sobre livros.

Era constante a presença de Henrique Martins Rocha nas reuniões. Dono de um corpanzil descomulgado de “seis arrobas de peso, dois metros de altura”... firmado sobre largos “sapatos de sola dupla número quarenta e quatro”, recebeu a alcunha de Alazão por conta de sua cabeça comprida, cavalhar, e o rosto alongado coberto de placas roxas. Especialista na “arte” de “morder” ou de “dar facadas” (expressões usadas na época para o hábito de pedir dinheiro), ninguém lhe escapava, nem os próprios companheiros. Aperfeiçoara-se de tal maneira que dispunha de repertório especial de abordagem para comover a vítima. Ora era a necessidade socorrer viúva cega, o filho na cadeia e a filha no hospício,



Paula Ney

ora para se livrar da ameaça de senhorio feroz pelo atraso no pagamento do aluguel e assim por diante. Para os mais conhecidos, chegou à perfeição de pedir por mímica, à distância, caso não fosse possível o assalto direto. A mão aberta em leque significava “cinco mil réis”, o polegar e o indicador em “V” indicava “dois mil réis” e apenas um dedo em pé queria dizer “um mil réis”. Era um verdadeiro terror para os que frequentavam o centro da cidade. Pela fuga de clientes que provocou na confeitaria Colombo, o proprietário Manuel Lobão encontrou solução conciliatória para reverter a situação. Estabeleceu que no início de cada mês concederia uma mesada ao Alazão e “todas as noites, à hora de fechar-se a casa, ele receberia no balcão uma dúzia de empadas, uma língua afiabrada, uma posta de peixe ou de rosbife, o que sobrasse, em suma, e ainda um chope duplo, sob a condição de não lhe por os pés na casa. “Transformou-se assim em singular obreiro que era pago para não trabalhar”, afirmaria o espirituoso Emílio de Menezes.

O “mordedor” sabia também divertir os companheiros contando

aventuras mirabolantes, dignas do lendário barão de Munchhausen, em que figurava como protagonista principal. Invasido por vezes pela nostalgia rememorava tempos passados quando, dizendo-se rico e poderoso, possuía carruagens de luxo, cavalos de puro sangue, camarotes no teatro lírico e era cortejado por adulares. Para muitos, esta seria mais uma de suas costureiras mentiras. Outros ponderavam terem ouvido comentários de que Alazão descenderia de médico renomado e de muitas posses. Quando o rapaz completou quinze anos o pai o teria mandado à Europa para estudar. Ele optaria porém em circular inicialmente pelos países do velho continente, fixando-se depois em Paris, durante seis anos, a pretexto de frequentar o curso de medicina. Não passaria contudo do primeiro ano. Preferiria as noites na zona boêmia do Quartier Latin e Montmartre ao saber do embuste, ao pai o chamaria de volta, mas o estróina não aguentaria por muito tempo a disciplina doméstica e desertaria. Erraria pelos subúrbios aplicando golpes para sobreviver: fez-se médico-parteiro, veterinário, dentista, jogador de baralho. Após bebedeira, acordou certa manhã numa hospedaria barata. Lá conheceu e fez amizade com Paula Ney que depois o nomeou seu “secretário”. Incumbia-lhe, entre outras obrigações, tratar com credores e “auxiliar em raptos e outras aventuras de amor”. Faria ponto durante o dia na Rua do Ouvidor e a noite no Largo do Rocio e nas imediações dos teatros. “Poderia “morder” as pessoas do círculo de relações do chefe, todas de “alta qualificação, como políticos, gente das finanças e do comércio, industriais, funcionários de categoria, clero e nobreza”.

Após o falecimento de Paula Ney, em 1897, Rocha Alazão enfrentaria dias de fome e miséria, emagreceria. Morreria logo depois de seu protetor, passando para a história de literatura mesmo sem ser literato.

Rui Ribeiro é escritor, crítico, e advogado. Autor de Notas de Realejo - estudos sobre literatura e MPB.

E a luta continua

Rosani Abou Adal

Enquanto políticos e a magistratura recebem auxílio moradia, gravação e paletó, artistas se apresentam sem salários e verbas para produção de seus espetáculos. Escritores sem nenhum auxílio para produção e impressão dos seus livros.

Não vamos falar dos artistas e intelectuais, em evidência na mídia, que conseguem patrocínios e recursos através das leis de incentivo. Estamos falando da maioria, sem espaço na mídia, que sobrevive sem apoio dos órgãos públicos e da iniciativa privada.

A Prefeitura de São Paulo cortou verbas e cachês destinados à Cultura. As produções teatrais sobrevivem apenas com a bilheteria que nem sempre cobre os gastos com cenário, figurino, etc.

Poucos escritores conseguem cachês para palestras e eventos ou verbas para a produção de livros das poucas leis de incentivo destinadas à Literatura. Apenas uma minoria que domina o monopólio do mercado alcança resultados satisfatórios.

Fomos assistir ao espetáculo *Réquiem para um Rapaz Triste*, peça a partir das personagens femininas de Caio Fernando Abreu, com Rodolfo Lima, apresentada no Teatro Arthur Azevedo, em São Paulo. Um trabalho de resistência realizado pelo esforço de Rodolfo. O ator interage com o público. Uma apresentação perfeita e iluminada pelo seu talento. Um monólogo cujo personagem transcende o próprio personagem. Foi aplaudido em pé pelo pequeno e grande público presente. Sem cachês, verbas de apoio e muito profissionalismo fez seu trabalho.

Quanto escritores não conseguem lançar seus livros, porque não possuem recursos para a produção e impressão de suas obras.

Entra governante e sai governante e a situação piora.

Somente com idealismo e pela resistência sobrevivemos.

Perdemos batalhas, mas a luta nunca termina.

Enquanto a Linguagem estiver viva, sobreviveremos (artistas e escritores) sem nenhuma verba ou auxílio.

Sem gravata e paletó.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00
Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil -
Envio de comprovante, com endereço completo, para o email
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Mestrado vira compêndio de haikai

Edson Kenji Iura

O Haikai no Brasil:
Comunicação & Cultura
Débora Novaes de Castro

Livro baseado na dissertação de mestrado da autora (incluindo 575 haicais de autores diversos). Prólogo de Amálio Pinheiro. Texto da contracapa de Cleide Veronesi. Artes da capa e da contracapa por Daniela Jacinto. Contém Bibliografia. Contém nota biográfica e relação de obras publicadas.

São Paulo, Scortecci, 2016, 196 páginas, 16cm x 23cm. ISBN 978-85-366-4701-2. Contato: www.deboranovaesdecastro.com.br.

Do Prólogo: "Nada mais oportuno do que uma pesquisa dedicada a mostrar o quanto os haicais são um gênero poético aberto e adaptadíssimo às nossas terras. Débora Novaes nos vai montando um painel de como a chegada dessa 'poesia mínima', máxima concentração de abruptos contrastes e encaixes, desencadeou o engenho tradutório dos brasileiros e latino-americanos. A chegada imigrante de Bashô e todos os seus similares ao continente propiciou o encontro feliz dessa forma radicalmente instantânea e comprimida com uma cultura mestiça acostumada aos paradoxos das aproximações e irrupções entre o conhecido e o desconhecido. Esta cultura de chegada, 'em ritmo rápido', tradicionalmente apta a reinventar gêneros breves, infiltra-se, por pendor lúdico e nativo, no zigue-zague faiscante das rimas e versos dos vários tipos de haicais. A cultura, assim, para quem sabe ouvir, incrusta-se como filigrana em meio às sonoridades das letras e das sílabas".



Amstras:

Noturno

Na cidade, a lua:
a joia branca que boia
na lama da rua.
(Guilherme de Almeida)

dia após dor
após dia, luz após
dor após lua
(Cláudio Daniel)

Insetos que cantam...
Parece que as sombras se amam
nos cantos escuros.
(Teruko Oda)

O poeta e o aviador

Entre teu céu
e o meu
leve sussurro de asas.
(Olga Savary)

Edson Kenji Iura é escritor, poeta, haicaísta, editor do site <http://www.kakinete.com/cms/> e diretor do Grêmio Haikai Ipê.

Rosani Abou Adal

**Poemas traduzidos para o francês,
inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.**

www.poetarosani.com.br

Uma autora com o sentimento do mundo

Ronaldo Cagiano

Em seu novo livro “O avião invisível” (Ed. Ibis Libris, Rio, 2017), Raquel Naveira oferece ao leitor um caleidoscópio de visões e sensações estéticas sobre o mundo e seu tempo, em 78 narrativas que panoramizam sua aguda percepção crítica.

São textos que nos remetem (ou nos fazem resgatar) os tempos de ouros da crônica no Brasil, vertente em que pontificaram, desde os primórdios, mestres como Medeiros e Albuquerque, Machado de Assis e João do Rio, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, José Carlos de Oliveira, Fernando Sabino e Otto Lara Resende. Raquel abrange ao mesmo tempo o questionador e filosófico, discutindo temas e questões presentes no nosso cotidiano, transcendendo o mero flagrante ou registro dos acontecimentos para inserir-se na categoria de uma narrativa densa e reflexiva sobre tudo que nos cerca, pois nada escapa ao seu sensível radar de arguta observadora da alma e da condição humanas.

Essa obra de Naveira realiza um meticuloso rastreamento do próprio sentido da existência, num itinerário que transita do lírico ao social, do histórico ao geográfico, da literatura à filosofia, do onírico ao mitológico, do tangível pelos olhos ao místico tateado pelo espírito. Enfim, um delicado, sofisticado e poético panorama das re(l)ações da autora com o universo e com as pessoas, suas influências literárias e referências culturais, em que valores e sentimentos são visitados

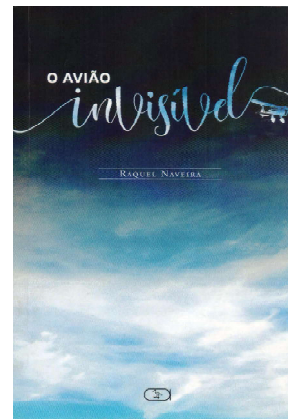
com ternura e expansão espiritual, num movimento de percepção sobre a vida e seus contornos.

Suas crônicas, mais que revelar o homem real e a cidade viva, o ser em transição e a história em mutação, a realidade com suas dores, delícias, sonhos, frustrações e metamorfoses, nesse tempo de tamanha dissolução, de tanta perplexidade, dissolução e paradoxos, é um convite à reflexão e ao desnudamento do humano em suas diversas projeções e representações.

Em cada crônica, Raquel deslinda, como se retirasse palimpsestos, como numa imersão em universos e ambientes desconhecidos, para aclarar outras dimensões, além da geográfica e aparente. Numa interpretação sobre a variada linguagem e os signos que habitam seu inconsciente de escritora e de humanista, vamos encontrar um percurso sobre as ideias e sobre a arte em suas diversas manifestações: do livro ao cinema, da pintura ao teatro, da História à psicologia, da literatura clássica à contemporânea, do seu Pantanal e do seu Mato Grosso a São Paulo, metrópole apressurada que adotou por alguns anos, revisita dos mitos ancestrais que nos habitam aos totens e tradições que constroem identidade e formação. Enfim, um *pourri* delineando a singela aferição de uma observadora atenta às experiências individuais e coletivas e às demandas existenciais, que sabe transformar o corriqueiro e o banal em matéria e circunstância para o refinamento literário, extrai poesia do inaudito, constituindo-se num mergulho nesse mosaico que constitui a nossa crônica diária, povoada de nuances e mistérios, iluminan-

do tudo que aí está e poucos são capazes de captar ou reconhecer suas verdades ou enganos, seja no multifacetado das cidades e dos homens, seja no familiar, no sagrado, no profano, nos pequenos atos heróicos, seja na ação anônima ou silenciosa dos que trabalham na arteficialidade do tecido social, e, ao mesmo tempo, no surreal, insólito e absurdo da nossa própria trajetória, muitas vezes invisível como o avião que dá título ao livro.

“O avião invisível”, como atesta Maíra Carbonieri na apresentação da obra, coloca a autora, sem dúvida e sem favor algum, na galéria dos grandes escritores brasileiros. Sua bibliografia, que contempla um amplo espectro criativo – poesia, crônica, conto, ensaio, crítica, resenhas, seminários, palestras – nada deve aos nomes bafejados pela grande mídia. Esta sempre ausente, silenciosa, negligente e criminosa incensa a mediocridade e valoriza o lixo literário (com suas panelinhas, guetos, grupelhos, máfias, gangues e altares de pseudo-sumidades) em detrimento de verdadeiros escritores – como Raquel – que, com a perícia e ousadia dos genuínos estilistas, crescem sobre o que é essencial e profundo, com uma inegável responsabilidade estética e ética, porque sintonizada com os sentimentos e valores universais. A autora contempla em suas crônicas um amplo espectro com a mesma profundidade e senso de investigação, mesmo quando trata de temas que muitas vezes canalizam uma visão mais personalista, o faz com independência crítica, isenção e sem sectarismo, tratando de aspectos que interessam mais a uma discussão dialética que ao maniqueísmo



ideológico, como nos temas da religiosidade e da política, por exemplo, fruto de sua versatilidade e do seu modo holístico e eclético de considerar ou manusear os assuntos que lhe são caros.

Essas crônicas radiografam o mundo, o tempo, as pessoas, registro afetivo para perenizar seu sentimento sobre esse mundo em que “a todo momento, tudo muda, cai ao chão, esfacela-se, apodrece, restaura-se, constrói-se, como um mapa decadente sem fim, apagando-se e redesenhando-se continuamente”, mas que só um escritor, um bom escritor como Raquel, detida no essencial e profundo, é capaz de captar e perenizar.

Ao sairmos dessas páginas, temos aquela agradável sensação e o prazer da leitura, pois como diria Mallarmé, “no fundo, o mundo é feito para acabar num belo livro”, como neste “O avião invisível”, de deliciosa viagem entre mundos e instâncias que só a boa literatura é capaz de nos levar, como nos levaram, pelas suas asas, as crônicas de Raquel Naveira.

Ronaldo Cagiano é escritor, autor de *Eles não moram mais aqui* (Prêmio Jabuti, 2016), reside em Portugal.

Roberto Scarano

Advogado

OAB - SP 47239



Trabalhista - Cível - Família

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11- Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

LIVRARIA BRANDÃO



Comparam-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Rua Coronel Xavier de Toledo, 234 Sobreloja República
São Paulo - SP - (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646
sebobrandao@gmail.com Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

NÓ

Flora Figueiredo

Estou perdidamente emaranhada
em seus fios de delícias e doçuras.
Já não encontro o começo da meada,
não sei nem mesmo
se há uma ponta de saída,
ou se a loucura
vai num ritmo crescente
até subjugar a minha vida.
Não importa.
Quero seus nós de seda
cada vez mais cegos e apertados
a me costurar nas malhas e nos pelos.
Enquanto você me amarra,
permanece atado
na própria trama redonda do novelo.

Flora Figueiredo é escritora, poeta, cronista, tradutora e compositora. Exerceu o cargo de Vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

AUSÊNCIA INFINITA

Rita de Cássia

Ausência dos sons do violino
na hora do ângelus.
Dos sons do repique,
tamborins e cuícas
no desfile da escola de samba.

Ausência dos arrulhos
das minhas crianças,
algazarra, brincadeiras
dos filmes na TV, Mágico de OZ,
Sítio do Pica-Pau Amarelo,
Alice no País das Maravilhas
e tantos outros.

Ausência das flores recém nascidas,
papoulas vermelhas floridas,

silêncio nas tardes domingueiras...
Falta o colo materno,
o ombro carinhoso do pai.

Ausência de tudo que faz sonhar,
esperar para o amanhecer
brilhante de luz, sem agouros,
sem desesperança.

Rita de Cássia é escritora, poeta e membro do Grupo Literário - Sarau do Boco (Fortaleza - CE), da Sociedade Amigas do Livro (SAU - Fortaleza - CE) e da União Brasileira de Escritores.

FRUTO

Ernani Fraga

...depois de escalar
atalhos e perdas
nas paredes em jarro
da casa de água
ela não podia mais
acordar na flor...

Ernani Fraga é escritor, poeta, dramaturgo e advogado.

SENTIMENTO

Sonia Sales

Trouxe filhos ao mundo
cheia de amor e esperança.
Com infinita ternura
toquei seus corações
mas... o toque foi tão
leve
que eles não sentiram.

Sonia Sales é escritora, poeta, historiadora e membro da Academia Carioca de Letras.

LEMBRANÇAS

Raymundo Farias de Oliveira

Sigo sozinho singrando
mansos mares de silêncio
onde as gaivotas desenhavam
voos carregados de ternura...
Minha caravela
não tem pressa de chegar
E assim prossigo viajando
na solidão marítima
desfiando um turbilhão
de lembranças...

Recordações dos momentos
tão doces que eternizaram
a sublime poesia do nosso viver!
Tudo passa – eu sei
Só não passa
a saudade que sinto de você.

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e procurador do Estado aposentado.



XAVIER CATURAS CARICATURAS e ilustrações

Xavier (14) 3732-1262 / 99161-0675 - vivo
(11) 97958-6182 - tim xavierlima@terra.com.br
ou xavierdelima1@gmail.com

xavierdelima1.wixsite.com/xavi

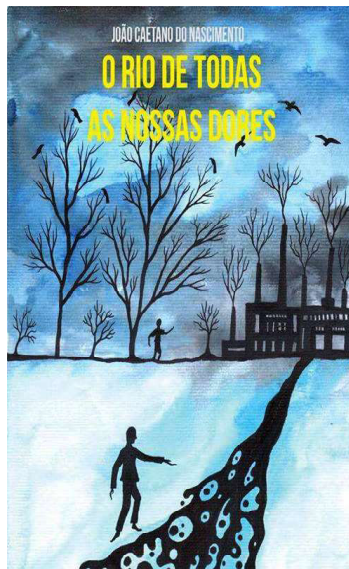
Um rio com o sangue frio das indiferenças

Escobar Franelas

Em tantos modelos possíveis de literatura longa, temos hoje três que me parecem capilares: as obras em que situações, pessoas e tempos estão concentrados na ambiência externa. Nelas, os elementos são dispostos de modo a sustentar ações, verbos reverberam. Um bom exemplo é Érico Veríssimo, com sua alusão à amplidão dos pampas gaúchos. Outra literatura é a que elabora a construção interior, cujo maior nome na literatura brasileira é Clarice Lispector. Nessa situação, temos a interlocução diálogo monologal. Já mestre Machado é uma referência ao terceiro grupo, aquele que equilibra a capitulação interior e o tracejamento da paisagem com a mesma luminosidade.

O Rio de Todas as Nossas Dores, primeiro romance de João Caetano do Nascimento, é um livro raro, pois nasceu na intersecção entre a primeira e a terceira condição, com pequena propensão a deter-se mais na última. Robusta, a obra desnuda as camadas sociais menos favorecidas dentro do jogo político-econômico, contextualizando aquilo que as escolas chamam de romance social. Em suas linhas, há um profundo estudo dos estratos que sempre ficaram relegados na literatura, arte ou mídia a uma condição menor, indiferente ou fadada ao exotismo. A pobreza descrita no livro não é plástica ou pontual, mas cruel, orgânica e dolorida, como são de fato todas as pobreza reais. O romancista, que demorou um longo inverno (quase seis décadas) para florescer no mundo literário, todavia revela domínio total sobre a sua matéria-prima – a escrita – aliando a isso a consciência ampliada do indivíduo pensante, andando convicto no chão pedregoso onde pisa. Não opina, mas dá voz a personagens que têm opinião.

O enredo de **O Rio de Todas as Nossas Dores** aborda nove dias na vida de um homem que se hospeda numa pensão sórdida de uma favela. Seu motivo é simples: vingar o pai, desalojado e morto há



28 anos no mesmo local onde se encontra agora. Para isso, ele deixou para trás seu nome original, Vicente, para tornar-se Luís Silva, uma máquina movida pela vingança. A missão que o move faz com que seja um ator camaleônico, focado apenas no objeto de sua perseguição: o dr. Fulgêncio, dono da fábrica Papeleira, o algoz de seu pai e de toda a gente da Vila da Alegria, eufemismo que talvez seja a cartada mais sarcástica da obra. Vicente/Luís gravita em torno de um mundo de pessoas de diversos matizes e significações, desde o irascível militar Randolfo até a quieta e sensível Celestina, empregada da pensão; ou Tiziu, o garoto que está pós-graduando nas ruas, sem pai nem mãe; e até Alice, mulher que deixou a vida Secretária do proprietário da fábrica e aproximou-se de sindicalistas e do povo do lugar, indo inclusive morar na vila. Agora é inimiga declarada de Fulgêncio. A própria empresa se torna personagem, com o papel que lhe é dado pela história e as circunstâncias que a tornam protagonista.

Diante dos imediatismos propostos pela hiperconectividade e a consequente superficialidade imposta pelas redes sociais, síntese de que a literatura está constantemente ameaçada pela pós-modernidade, é possível perceber que a sociedade está perdendo a

capacidade de imaginar, de sonhar, de interpretar jogos mais complexos. Neste embate, porém, é muito saudável ver que **O Rio de Todas as Nossas Dores** é um alento. Feito nas condições mais libertárias possíveis – o autor autopublicou a obra – assim como teve o apoio de pessoas próximas para os trabalhos de revisão, diagramação e montagem, traz no próprio título um diagnóstico lírico daquilo que de fato oferece. A sujeira que suas águas transportam, bordeando a Vila da Alegria, numa continuidade irresoluta e férrea, adquire um simbolismo candente, quando pensamos que a vingança é um fel que o vingador carrega em seu caminho sinuoso, até expiar o sangue inimigo nas águas plácidas de um rio improvável e incompreensível, maior que todas as nossas dores.

Serviço
Título: O Rio de Todas as Nossas Dores
Autoria: João Caetano do Nascimento
Páginas: 228
1ª edição (do autor): 2017

Escobar Franelas é escritor, poeta, contista, artista e educador.

DESEJO

Carlos Pessoa Rosa

não quero pa
lutar ostras
nem pedalar
raízes insanas
só quero a(r)
mar e farol
tenda no vento
ejacular marés
engravidar ab
sintos e fendas
rosnar cantigas
de ninar e sol

Carlos Pessoa Rosa é escritor, contista, poeta, médico e editor do meiotom poesia & prosa. www.meiotom.art.br/

Haicai

Maria Thereza Cavalheiro

Um zunir de abelhas.
Forte aroma na redoma
de frutas vermelhas.

O asfalto molhado.
Cai o dia em nostalgia.
Desliza o passado

Maria Thereza Cavalheiro é escritora, poeta, tradutora, advogada e jornalista.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELhado

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra:

1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: deboranc@uol.com.br
3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Crucificado

(Memória)

Emanuel Medeiros Vieira

Terá valido a pena o sacrifício do Crucificado?

Outrora, agora – sempre?

Na sala não muito grande, papéis na mesa.

Havia uma “cadeira do dragão” (lembrava os antigos assentos de barbeiros, pesados e de madeira, com uma cobertura de zinco, ligada a um regulador de voltagem): sentiam-se os choques no corpo inteiro, e era muito fácil um cardíaco morrer ali – o instrumento era mais utilizado, quando o interrogado não falava “apenas” com choques elétricos nas mãos, no pênis etc.

Passara o ritual (para mim foi o primeiro) dos choques nas mãos, nos ouvidos e o “telefone”: tapas com as mãos abertas nos dois ouvidos.

O militar sem farda olha o Crucifixo na parede.

E diz: “Pede para Ele”.

Olho: o militar sem farda, o Crucifixo.

“Pede para Ele” – insistiu.

Ele cortava as palavras, abolia sujeitos, predicados, verbos: **só interessava a eficácia (a lógica do Processo).**

O homem sem farda queria que eu apelassem ao Crucificado para que a “cadeira do dragão” não fosse ligada – que fosse cessada a tortura (mas essa palavra eles não usavam).

“Ele Te Salvará?”, perguntou com sorriso cínico.

Cristo quieto na parede.

O homem musculoso ligou a máquina: gritos, mais gritos – só gritos.

Ouviam-se berros vindos de salas vizinhas. As celas eram no térreo.

Um minuto (creio) parecia uma hora, ou a eternidade toda.

(Eu sabia: deste lugar-comum, eu não conseguiria escapar.)

Por que não morrer?

Eram equipes diversas: entrava uma, saía outra.

Eles enxugavam-se com toalhas.

Quem me interrogava agora tinha cabelo escovinha.

Quanto tempo aguentarei?

O Crucificado continuava em silêncio.

Escutei barulho de carros, pneus rangendo.

Alguém – me informaram – havia morrido.

O médico calculara mal.

Havia um médico e o chamavam de vez em quando.

Ele pega um aparelho e, curtamente, dizia: “Esse aguenta mais um pouco”.

“Esse está no limite”.

Um guarda no térreo (eu estava no primeiro andar) berrava eufórico: gol do Corinthians.

OBAN (Operação Bandeirantes), Rua Tutóia, Bairro Paraíso, São Paulo.

Departamento de Operações de Informação (Doi).

Centro de Operações de Defesa Interna (Codi).

Sim: o bairro chamava-se “Paraíso”.

Havia alguns homens com fardas, fios ligados e aquela cadeira enorme.

(Não, não era tão grande assim. Agora me parece. Faz 48 anos.)

“Um cardíaco já morreu aqui”, contou chefe de uma equipe.

A quem mais odiavam?

Prestes e Lamarca: vieram de suas entranhas – o Exército.

Textos meus em cima da mesa.

Um panfletário e violento artigo contra a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto (1950-1968), assassinado pela Ditadura no “Calabouço”, no Rio de Janeiro.

Escrito no jornal do “Centro Acadêmico André da Rocha” – Faculdade de Direito da UFRGS.

Eles só pediam um nome: de alguém que estava fugindo para o Uruguai, mas eu calculava: ele ainda não havia chegado lá.

Era preciso aguentar mais um pouco.

Não sei se conseguiria – estava um bagaço. Pensava: eu já estava morto? Levaram-me para a cela, sentia-me cego, sangue escorrendo por todo o lado e – sempre há um pior que o outro – um agente jogou um balde d’água no meu corpo.

Havia na cela, mais um sete ou oito presos.

Alguém improvisou um curativo para mim. Queria ter guardado o seu nome.

Na transferência da OBAN para o DOPS – 19 de dezembro de 1970, pessoas faziam compras de natal.

“Saíam da frente, são terroristas”, gritavam os agentes, e as pessoas nos olhavam horrorizadas.

Um agente (naquelas caminhonetes), no transcurso da OBAN para o DOPS, disse: “Não temos nada contra vocês. Se a revolução de vocês ganhar, pagando bem, a gente bate também naqueles que vocês mandarem”.

Acreditem: certa vez, quando estava sendo torturado, lembrei de T.S. Eliot (1888-1965): (...) **“Mas aquilo que apenas vive/Pode apenas morrer (...)**

Lembrar-se de versos na hora da pancada, soará inverossímil.

(Mas foi o que me salvou.)

O Crucificado? Eu não sei se Ele ainda está lá, se existe aquela sala, se aquilo tudo foi demolido, se as pessoas que estavam comigo na cela já morreram, como os torturadores – para que serve aquela construção agora? Uma Delegacia de Polícia?

Pude dizer o nome que eles queriam: ele já havia chegado o Uruguai.

Como sabia? **A gente sabia.**

Para eles, eu agora era um trapo inútil, mas com processo nas costas, e eu precisava continuar a viver.

Repito: faz 48 anos. Eu tinha 25.

(Anos mais tarde, ouvi Vandré e Gardel, lembrando-me daqueles dias de minha juventude.)

Não sei por que resolvi ouvir Gardel?

O Crucificado? Perdi-o de vista. Talvez esteja numa igreja velha.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico e membro da Associação Nacional de Escritores.

VIVA O BRASIL...

de Odette Mutto

Livraria Asabeça - www.asabeça.com.br -

Link direto: http://www.asabeça.com.br/detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&furi=_VIVA-O-BRASIL--Odette-Mutto-&kb=669#.WUFpcFXyuM8

Livraria Cultura - www.livrariacultura.com.br

Link direto: <http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-cronicas/viva-o-brasil-46412605>

Livraria Martins Fontes Paulista - www.martinsfontespaulista.com.br

Link direto: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/viva-o-brasil-534465.aspx/p>

Cia dos Livros - www.ciadoslivros.com.br - Link direto: <http://www.ciadoslivros.com.br/viva-o-brasil-contos-745138-p627207>



Concursos

III International Babel Book Award, promovido pela Fundação Weltsprachen, está com inscrições abertas até 31 de março para romances inéditos escritos em língua portuguesa. Escritores de qualquer nacionalidade, desde que tenham, no mínimo, dois livros publicados em seu país de origem (incluindo não-ficção), poderão se candidatar.

As línguas homenageadas neste primeiro decênio são alemão, bengali, português, russo, árabe, francês, espanhol, hindi, chinês-mandarim e inglês.

É obrigatório o uso de pseudônimo. Os interessados poderão inscrever originais, com um mínimo de 200.000 caracteres com espaços, e apresentados com um tipo de letra e entrelinha que facilite a leitura da comissão julgadora inicial e do júri final. Os trabalhos deverão ser enviados no formato pdf com até 50Mb.

Premiação: 200 mil euros.

Regulamento e Inscrições: <http://babelbookaward.com/>

Prêmio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa 2018, categorias poesia, romance, conto, crônica e dramaturgia (com exceção de adaptações), para livros publicados em versão impressa ou digital, entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2017 com ISBN, está com inscrições abertas até 18 de março. Será realizado em três etapas sucessivas de análise e votação: Avaliação, Intermediário e Final.

Premiação: R\$ 100.000,00 (cem mil reais) para o primeiro colocado; R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais) para o segundo colocado; R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) para o terceiro colocado; e R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) para o quarto colocado.

Regulamento e inscrição: itaucultural.org.br/oceanos/2018

Camarada dos Companheiros

Rosani Abou Adal

Gente solidária que planta sonhos
Eleva nossa alma ao vale das ilusões
Renascemos fortes para plantar
Amizade fraterna de priscas eras
Luz que ilumina trevas
Desvenda enigmas e mistérios
Ocultos na sabedoria

Pessoa iluminada de flores e cores
Eterno amigo de dias nublados
Rei que reina fraternidade
Esperança e bondade
Ilustre camarada dos companheiros
Razão que prova o absurdo
Através da lógica da ilógica

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - soninhaabou@gmail.com

Livros

Alvéolo Poético, Paulo Veiga, Ledprint Editora, São Paulo, 116 páginas.

ISBN: 978-85-92505-14-1.

A capa é de Jackson Santana.

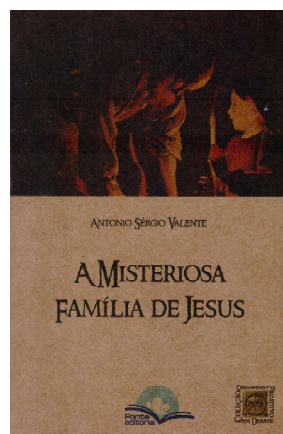
O autor é escritor, poeta, romancista, cronista, contista e advogado, pós-graduado em Ciências Políticas.

Foi agraciado com a Comenda Pero Vaz de caminha do Instituto Histórico e Cultural Pero Vaz de Caminha e com a Medalha Jornalista D'Almeida Vitor (Brasília).

Exerceu o cargo de diretor da União Brasileira de Escritores.

A obra reúne 105 poemas e sonetos, dos mais variados temas, com ritmos cadenciados que obedecem uma métrica bem marcada.

Ledprint Editora: www.ledprint.com.br



A Misteriosa Família de Jesus, biografia, Antonio Sérgio Valente, Fonte Editorial, São Paulo, 150 páginas. R\$35,90.

ISBN 978-85-92384-04-3.

O autor é escritor, romancista, contista, economista e advogado.

Os textos apócrifos cristãos têm sido incorporados de forma sistemática no estudo acadêmico do cristianismo primitivo nas últimas décadas. Não é possível prescindir na exegese contemporânea da leitura de textos fascinantes como, por exemplo, o Evangelho de Tomé, o Apocalipse de Pedro ou os Atos de Paulo e Tecla. Mas a tarefa que se apresenta aos estudiosos da literatura bíblica não se limita apenas a inseri-los na discussão, ou a ampliar listas

canônicas com outras listas alternativas.

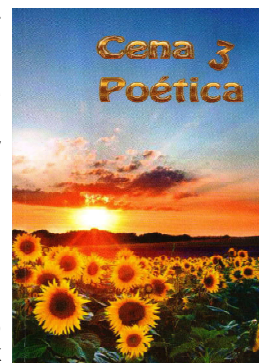
Fonte Editorial: www.fonteeditorial.com.br

Cena 3 Poética, antologia, editor Rogério Salgado, RS Edições, Belo Horizonte (MG), 126 páginas.

A obra reúne poemas, contos e trovas de Anália Moreira Freire, Angélica Villela Santos, Antônio Galvão, Carlos Ramalho, Cecy Barbosa Campos, Cláudio Márcio Barbosa, Elise Dorotéia Lopes, Euna Britto de Oliveira, Fernanda Nicácio, Fernando Antônio Fonseca, Helbert Vinicius de Faria, Helenice Maria Reis Rocha, Irineu Baroni, João Batista Mariano, José Ângelo Vieira, José Hilton Rosa, Márcia Araújo, Maria Aparecida de Mello Calandra, Maria da Cruz Pereira Nunes, Max de Almeida Fonseca, Paulo Dias Neme, Paulo Siuves, Regis D'Almeida, Roberta M. Sena, Rogério Salgado, Rosângela Godolphim Plá, Túlio Souza, Valdemar Alves, Vitória Veloso Maia e Walnéia Corrêa Pedemeiras.

O livro foi enviado pelo escritor cearense Valdemar Alves.

RS Edições: poetarogerialsalgado@yahoo.com.br





Jorge Tufic

Jorge Tufic, escritor, jornalista e poeta, faleceu no dia 14 de fevereiro, em São Paulo, aos 87 anos. Nasceu em Sena Madureira (AC) em 13 de agosto de 1930. **Publicou os livros de poemas** *Varanda de pássaros*, *Chão sem mácula*, *Retrato de Mãe*, *Quando as noites voavam*, entre outras importantes obras. Autor da letra do Hino do Amazonas através da música de Cláudio Santoro. Membro da Academia Amazonense de Letras. Foi agraciado com o diploma "O poeta do ano", em 1976, prêmio concedido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas em razão de sua vasta atividade literária. É sócio-fundador da Academia Internacional Pré-Andina de Letras. Membro do Clube da Madrugada, da União Brasileira de Escritores (Seção do Amazonas e de São Paulo) e do Conselho Estadual de Cultura. Fez parte da equipe da página artística de *O Jornal* do Clube da Madrugada e do *Jornal da Cultura* da Fundação Cultura do Amazonas. Colaborou no Suplemento Literário de Minas Gerais, entre outros jornais.

O Brasil será o país homenageado pela Feira do Livro de Frankfurt, em 2023. Em 2018, Geórgia será o convidado de honra.

A Editora do Brasil lançou a *Coleção HQ Brasil* que abriga clássicos da literatura brasileira de história em quadrinhos. O primeiro volume lançado é *O peru de Natal e outros contos*, de Mário de Andrade, o segundo, *A missa do galo e outros contos*, de Machado de Assis, adaptados por Francisco Vilachã.

A Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo abrirá inscrições para editais nas áreas de dança, teatro, música, circo e literatura. A publicação do Edital de Publicação de Livros está prevista para o dia 20 de abril.

A Associação Brasileira de Difusão do Livro promoverá o 16º Salão de Negócios, de 26 de fevereiro a 3 de março, em Foz de Iguaçu (PR). www.abdl.com.br/

Notícias

Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil, lançada pela Seguinte e Companhia das Letras, de Aryane Cararo e Duda Porto de Souza, retrata mulheres revolucionárias (Dandara, Niêde Guidon, Maria da Penha, entre outras) que viveram desde o século XVI até a atualidade.

Políbio Alves, escritor paraibano, lançará *O que resta dos mortos* (*Ce qui rest des morts*), obra traduzida para a língua francesa pela professora doutora Roselis Batista Ralle da Universidade de Reims Champagne-Ardenne, na França.

O Grupo Livrarias Curitiba inaugurou mais uma loja, em São Paulo, no Shopping Metrô Tucuruvi, Av. Dr. Antonio Maria Laet, 566.

O Silêncio das Palavras, Antologia de Poesias, Contos e Crônicas, com tema livre, Scortecci Editora com apoio da Canon do Brasil e Bignardi Papéis, está com inscrições abertas até o dia 31 de maio ou até o preenchimento das vagas. Serão publicados dois volumes nos gêneros poesias, contos ou crônicas. Informações e inscrições: www.scortecci.com.br/formulario.php?id=570

Carpinejar lançou *Filhote de Cruz-Credo*, com ilustrações de Sandra Lavandeira, pela Editora Bertrand Brasil.

Léo Alves lançou *Abismo – Quando o fim se torna recomeço*, obra autobiográfica, pela Editora Literare Books.

A nova diretoria da Associação Brasileira de Editores Científicos foi empossada no dia 8 de fevereiro, em Botucatu (SP). O professor Rui Seabra Ferreira Junior foi reeleito presidente. O professor Ricardo Antunes de Azevedo ocupa o cargo de vice-presidente, Ana Marlene Freitas de Moraes (secretária-geral), Milton Shintaku (primeiro secretário), Benedito Barraviera (primeiro tesoureiro) e Suzana Caetano da Silva Lannes (segundo tesoureiro). O professor Sigmar Rode permanece na diretoria como presidente anterior (past president).

O Centro Literário de Piracicaba realizará reunião no dia 24 de fevereiro, sábado, das 15 às 17 horas, na Biblioteca Municipal de Piracicaba Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, R. Saldanha Marinho, 333. A de março será no dia 31.

A História de Nicolas I, Rei do Paraguai e Imperador dos Mamelucos, livro anônimo publicado em 1756 na Europa que conta a história de Nicolas, ganhou sua primeira versão em português pela Editora UNESP.

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba realizará reunião no dia 7 de março, quarta, das 19h30 às 21h30, na Biblioteca Municipal de Piracicaba Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, R. Saldanha Marinho, 333.

O Rei da Vela, peça de Oswald de Andrade, está em cartaz no Teatro Sérgio Cardoso, de 15 a 25 de fevereiro, quinta e sexta-feira, às 19h30, sábado e domingo, às 18 horas, Rua Rui Barbosa, 153, em São Paulo. O espetáculo do Grupo Teatro Oficina é dirigido por Zé Celso. O elenco é composto por Marcelo Drummond, Tulio Starling, Sylvia Prado, Camila Mota, Regina França, Zé Celso, Roderick Himeros, Ricardo Bittencourt, Daniele Rosa, Tony Reis e Joana Medeiros.

O Psu Poético Beagá será realizado de 14 a 28 de março, em Belo Horizonte (MG), na Escola Municipal Professor Paulo Freire, R. Paulo Campos Mendes, 311, no Palácio das Artes, Sala Juvenal Dias, Av. Afonso Pena, 1537, entre outros locais.

Domício Proença Filho, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, lançou *Dionísio esfacelado*, poemas, pela Editora Autêntica. A obra é uma espécie de canção-epico do Quilombo de Palmares.

A Academia Paraibana de Letras Jurídicas realizará reunião no dia 9 de março, às 15h30, no Auditório do CEJUS, Av. Rio Grande do Sul, 1411, em João Pessoa (PB). Será lançado o livro *Temas de Direito* do Acadêmico Everaldo Dantas Nóbrega. Dentre as pautas, Edital para ocupação da Cadeira 41 e Assinatura do Termo de Cooperação Técnica com a Universidade Estadual da Paraíba – Campus V.

Experiências de africanos livres no século XIX, Editora Alameda com apoio da FAPESP, é tema da Dissertação de Mestrado em História defendida por Mariana Alice Pereira Schatzer Ribeiro, em 2014 na UNESP de Assis, intitulada *Entre a fábrica e a senzala: um estudo sobre o cotidiano dos africanos livres na Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema-Sorocaba - SP (1840-1870)*, com a orientação da Prof. Dra. Lúcia Helena Oliveira Silva.

O Sarau Bodega do Brasil, sob a curadoria do cantor e cordelista Costa Senna, coordenado por Cacá Lopes, Adão Santos, Ornella Jacobino, Ângela Dzioli e Júbilo Jacobino, será realizado no dia 24 de fevereiro, sábado, das 18 às 21 horas, no Espaço Cultural Periferia, Centro da Ação Educativa, Rua General Jardim, 660, em São Paulo. Aberto aos interessados. www.faccbook.com/sarau.bodegadobrasil

Nicanor Parra, escritor e poeta chileno, faleceu no dia 23 de janeiro em Las Cruces (Chile). Nasceu em 5 de setembro de 1914, em La Reina (Santiago, Chile). Foi agraciado com o Prêmio Nacional de Literatura do Chile, Prêmio Rainha Sofia de Poesia Iberoamericana e com o Prêmio Cervantes. Autor de *Poemas e Antipoemas*, *El Último Apaga la Luz*, entre outras obras.

Alberto da Cunha Melo – Poesia completa, obra organizada por Cláudia Cordeiro Tavares da Cunha Melo, Editora Record, reúne cerca de dois mil poemas do autor pernambucano. Alberto da Cunha Melo, poeta, jornalista e sociólogo, nasceu em Jaboatão dos Guararapes (PE) em 8 de abril de 1942. Faleceu em 13 de outubro de 2007 em Recife (PE). Foi agraciado com o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras.

A TopLivros, livreria e distribuidora que oferece livros a preços acessíveis a todas as camadas sociais, abriu uma loja no Shopping da Moda Verão, de Guaratuba (PR), sem vendedores ou seguranças. Cerca de mil livros são vendidos ao preço fixo de dois por R\$ 10.

doisPontos, periódico editado pelos departamentos e programas de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade Federal do Paraná, lançou novo número dedicado a Bergson, sob o título *Bergson, suas leituras e seus leitores*, em uma abordagem que pretende ressaltar sua relação com a história da Filosofia. <http://revistas.ufpr.br/doisPontos/index>

A Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares empossou nova diretoria e conselho fiscal para o biênio 2018/2019 que terá como presidente Guilherme Luz. José Ângelo Xavier de Oliveira é o 1º vice-presidente e Jorge Yunes o 2º vice. Antonio Luiz Rios da Silva (1º diretor tesoureiro). Diretores: Elzimar Albuquerque e Vicente Avanzo. Conselho Fiscal: Alessandro Gerardi, Patrícia Souza e Richard Alves.